

Metodologias e métodos de ensino de línguas durante a pandemia COVID 19: uma revisão de literatura entre 2020 e 2022 em periódicos nacionais

*Language teaching methodologies and methods during the COVID 19 pandemic: a literature review
between 2020 and 2022 in national journals*

Laysla Leidiany Carvalho Bonifácio¹
Universidade de Brasília
institutoculturabrasileira@gmail.com

Graciele Talita Duarte Siqueira²
Universidade de Brasília
gracieleled@hotmail.com

RESUMO: A pandemia impactou não só a saúde pública e a economia do Brasil, ela repercutiu na educação também, impulsionando uma mudança nos métodos, metodologias e ferramentas de ensino de línguas visto que os modelos “antigos” já não eram suficientes para atender a demanda. Pensando assim, este trabalho propõe uma análise de corpus de pesquisas empíricas publicadas em periódicos brasileiros de Qualis A e B da Linguística Aplicada (LA) no período entre 2020 e 2022, que sugeriram e aplicaram metodologias e métodos de ensino de línguas dentro do contexto pandêmico. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e define-se como bibliográfica por mostrar o que já existe sobre o objeto investigado. O aporte teórico desta pesquisa destaca que utilizar tecnologias tornou-se algo comum no nosso dia a dia, ela faz parte das experiências vividas pelas pessoas em todos os contextos (BARTON; LEE, 2015), na forma de checar e-mails, comunicar-se, usar as redes sociais e navegar nos diversos sites nacionais e internacionais e, também, de aprender outros idiomas. Por fim, os resultados relacionam alguns recursos que foram utilizados para o ensino de línguas (inglês e espanhol) e os desafios enfrentados pelos professores dentro desse contexto pandêmico.

PALAVRAS-CHAVE: revisão de literatura; práticas pedagógicas; ensino remoto; tecnologias digitais.

ABSTRACT: The pandemic not only impacted public health and the economy in Brazil, it also had an impact on education, driving a change in language teaching methods, methodologies and tools, as the “old” models were no longer sufficient to meet the demands. With this in mind, this paper proposes a corpus analysis of empirical research published in Brazilian journals of Qualis A and B from the Applied Linguistics (AL) in the period between 2020 and 2022, which suggested and applied methodologies and methods of language teaching within the pandemic context. This is a qualitative research and is defined as bibliographical because it shows what already exists about the investigated

¹ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.

² Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.

Data da Submissão: 06/09/2022. Data da Aceitação: 13/12/2022.

object. The theoretical contribution of this research highlights that using technologies has become something common in our daily lives, it is part of the experiences lived by people in all contexts (BARTON; LEE, 2015), in the form of checking emails, communicating se, use social networks and browse the various national and international websites, and also to learn other languages. Finally, the results relate some resources that were used for language teaching (English and Spanish) and the challenges faced by teachers within this pandemic context.

KEYWORDS: literature review; pedagogical practices; remote teaching; digital technologies.

INTRODUÇÃO

No dia 31 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foi identificado, pela primeira vez, um vírus altamente contagioso e fatal que assustou as autoridades daquele país. No dia 30 de janeiro de 2020, o Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus da Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o coronavírus iria eclodir uma emergência na saúde pública internacional. A evolução dos casos e da gravidade do vírus foi tomando proporções altas com o decorrer do tempo. Em março de 2020 tivemos um rápido aumento nos casos não só na China, mas em 18 países fora do continente asiático, o que fez com que as autoridades sanitárias da China anunciassem que esse surto poderia ser caracterizado como uma pandemia. Até então, de acordo com a OMS, mais de 118.000 casos foram relatados em 114 países e 4.291 mortes foram registradas.

Não demorou muito para que o vírus chegasse ao Brasil. A primeira confirmação do vírus no país ocorreu no dia 26 de fevereiro, em São Paulo. Desde então, os números de contaminados e mortos pela doença só cresceram. O Brasil chegou a registrar no dia 3 de fevereiro de 2022, segundo os dados do Ministério da Saúde, 298.408 novas infecções em 24 horas³.

Com uma crise sanitária alarmante, a Presidência da República sancionou a Lei nº13.979 (BRASIL, 2020), decretando medidas para o enfrentamento da emergência de saúde pública, entre elas: o isolamento social de pessoas contaminadas e a quarentena, que é a restrição das atividades coletivas. Com o colapso no sistema de saúde, alguns estados brasileiros, como o Distrito Federal, fizeram decretos que cancelaram por tempo indeterminado as atividades presenciais, tais como comércios, com exceção dos serviços essenciais.

³ Dados disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>.

A pandemia impactou não só a saúde pública e a economia do Brasil, ela repercutiu na educação também. Segundo a pesquisa do Instituto Nacional de Estudos Anísio Teixeira (INEP), divulgada em julho de 2020, 93% das escolas no Brasil suspenderam as atividades durante a pandemia da Covid-19, considerando escolas públicas e privadas.

De acordo com uma pesquisa denominada *Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil*, feita pela Fundação Abrinq, aponta que mais de 53% das escolas públicas conseguiram manter o calendário letivo original em 2021. No ensino privado, cerca de 70% das escolas conseguiram manter a previsão inalterada. Um levantamento realizado entre os meses de fevereiro e maio de 2021, pelo INEP, constata que 99,3% das escolas suspenderam as atividades presenciais. Essa pesquisa reflete, também, as condições desiguais de planejamento, execução e infraestrutura das escolas, visto que as escolas públicas, em particular, demoraram mais tempo para aderir ao ensino a distância, se comparadas ao ensino particular. De acordo com a mesma pesquisa, mais de 2,6 mil escolas públicas suspenderam as atividades presenciais, em razão de inadequações de infraestrutura escolar e domiciliar, impossibilitando assim a adoção de estratégias para o ensino remoto.

Em uma outra pesquisa, o INEP (2022) sinalizou que de todas as escolas públicas de ensino básico que não adotaram as aulas online, mais de 88,4% estão localizadas nas regiões Norte e Nordeste. Devido às dificuldades encontradas, 2,3 mil escolas públicas não adotaram nenhuma estratégia de ensino e aprendizagem remota durante o ano letivo de 2020. As demais escolas adotaram ferramentas tais como: materiais impressos para o aluno retirar na escola; aulas ao vivo através de plataformas como o *Google Meeting*, *Zoom* e *Microsoft Teams*. A respeito das aulas “ao vivo”, observa-se, de acordo com o INEP (2021) que 72,8% das escolas estaduais e 31,9% das municipais adotaram essa estratégia. Em 2.142 cidades, nenhuma escola municipal adotou essa medida.

A imagem a seguir, retirada do CENSO escolar 2021, mostra um descompasso entre as escolas públicas e privadas no retorno às aulas presenciais no ano de 2020. Quase 100% das instituições públicas optaram por aulas online ou pelo cancelamento das atividades escolares no ano de 2020, em contrapartida, quase 30% das escolas particulares optaram por voltar às aulas presenciais de modo híbrido, ou seja, metade dos alunos assistiam às aulas online e a outra metade presencialmente.

Figura 1: Percentual de escolas que não retornou às atividades presenciais no ano letivo de 2020 no Brasil, segundo o INEP (2020)



Fonte: INEP (2022)⁴

No ano de 2022 o Ministério da Educação divulgou os resultados de uma avaliação realizada com alunos do ensino médio. Os resultados desta avaliação reforçam um quadro preocupante na educação. De acordo com a pesquisa, mais de 3,2 milhões de estudantes que fizeram a prova acertaram 27% das questões sobre habilidades básicas em matemática. Em língua portuguesa, em questões que tratam sobre interpretação de texto, os alunos acertaram pouco mais de 50%. Com fundamento nos dados levantados, é possível inferir que a pandemia está causando efeitos negativos na educação e no sistema educacional brasileiro.

A partir da contextualização acima surgem vários questionamentos em relação ao ensino de línguas nas escolas durante a pandemia, tais como: *Quais foram os recursos adotados pelos docentes para promover a aprendizagem de línguas no contexto pandêmico? Quais são os impactos decorrentes dessa mudança no modelo de ensino?*

Dessa forma, para entendermos melhor como foi e como está sendo o ensino de línguas estrangeiras (LE) em tempos pandêmicos e, para responder às perguntas acima, propomos para este artigo, uma análise de um *corpus* composto por pesquisas empíricas publicadas em periódicos brasileiros de Qualis A e B da Linguística Aplicada (LA), no período entre 2020 e 2022, que propuseram metodologias de ensino de línguas dentro do contexto pandêmico. Além de discutir sobre as metodologias aplicadas, será acrescido à discussão os desafios enfrentados pelos professores de LE durante esse processo, sendo este um dos fatores discutidos nos artigos analisados. Essa análise busca identificar e discutir as

⁴ Para saber mais acesse: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2020.pdf

abordagens pedagógicas utilizadas nessas pesquisas e seus efeitos na aprendizagem de línguas durante a pandemia.

Para que o leitor fique imerso no contexto de utilização das ferramentas digitais como mecanismos de mediação entre o ensino e aprendizagem de línguas, apresentamos a seguir os pressupostos teóricos que sustentam essa pesquisa.

À LUZ DA TEORIA

Tecnologias digitais no ensino de línguas

As tecnologias digitais estão no pulso das pessoas, com os *smartwatches*, nos dispositivos de comunicação móvel, e no próprio ambiente, às vezes de forma imperceptível. Estar conectado tornou-se algo comum no nosso dia a dia, a tecnologia faz parte das experiências vividas pelas pessoas em todos os contextos (BARTON; LEE, 2015), na forma de checar e-mails, comunicar-se, usar as redes sociais e navegar nos diversos sites nacionais e internacionais. Para Barton e Lee (2015, p.12), “é difícil encontrar uma área da nossa vida que não tenha mudado ou que não tenha sido influenciada pelas tecnologias digitais”. Kenski (2012) e Barton e Lee (2015) afirmam que as tecnologias já fazem parte da nossa vida, já transformaram a maneira como lidamos com o comércio, serviços, entretenimento, modificando também a interação social. Assim, as mudanças que são ocasionadas pelas tecnologias digitais contribuem para criação de novos modos de interagir, produzir, e ser.

Por estarmos em um mundo cada vez mais mediado pelas tecnologias digitais (TD), elas acabam interferindo também nas estruturas sociais, transformando os diversos campos das relações humanas, gerando “novas formas de socialização e de relação com o conhecimento, estimulando a ressignificação de paradigmas relacionados às teorias de aprendizagem” (GONZALEZ; SCHLATTER, 2016, p. 116).

Valente *et al.* (2018) ressaltam que as TD estão alterando os processos de ensino e aprendizagem. Segundo os autores, os alunos não são mais os mesmos e não atuam como antes, uma boa parte já não lê material impresso, preferidos formatos digitais. Os aprendizes já não utilizam, com tanta frequência, os acervos físicos da biblioteca, mas optam, para ter acesso às informações, por sistemas de buscas como o *Google*, ou *e-books* (livros digitais), recorrem aos tutoriais no *YouTube*, navegam nas redes sociais e participam de comunidades de aprendizagem. Logo, dentro dessa realidade tecnológica, a sala de aula deve ir ao encontro

das ações praticadas no nosso cotidiano, que é cada vez mais mediado pelas tecnologias digitais, como dito anteriormente. Pereira (2005, p. 13) afirma que “em plena Era do Conhecimento, na qual a inclusão digital e sociedade da informação são termos cada vez mais frequentes, o ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cotidiano”.

A internet propiciou a criação de espaços de aprendizagem onde os usuários aprendem de forma colaborativa/cooperativa. Segundo Coser (2016, p.19), “o uso da Internet para o ensino de línguas abriu possibilidades sem precedentes de combinar-se aprendizagem informal e formação de cidadãos ao permitir aos sujeitos lidarem com interlocutores reais e conteúdos significativos na língua-alvo”. Com a internet é possível ter acesso a materiais autênticos produzidos na língua-alvo para diferentes públicos, com finalidades discursivas distintas. Hoje é possível criar recursos que reúnem diversas possibilidades para construção e ampliação do conhecimento de forma interativa. Para Silva (2016, p. 109),

um aspecto positivo para o ensino de LEs na era digital atualmente diz respeito à expansão de possibilidades de comunicação, a qual pode ocorrer de uma forma barata e eficiente, possibilitando interação com pessoas em diferentes lugares assim como assuntos concernentes a qualquer país.

Sabemos que a inclusão das tecnologias digitais nas aulas de LE pode potencializar o ensino e a aprendizagem, proporcionando “muitas possibilidades de interação tanto no ciberespaço, ambos de uma forma síncrona e assíncrona, como também de uma forma mista que combina o espaço virtual e o “mundo real” (SILVA, 2016, p. 108). Para Dudeney *et al.* (2016, p. 19), “precisamos incrementar nosso ensino e a aprendizagem de nossos estudantes de acordo com essas novas circunstâncias”. Para isso, é preciso reconfigurar a abordagem de ensino para que seja possível o envolvimento dos aprendizes na elaboração de tarefas autênticas, que reflitam situações reais do dia a dia dos estudantes, incluindo o “mundo virtual” (SILVA, 2016).

Chapelle (2003) advoga que nós professores de LE, devemos explorar as implicações que as TD causam no ensino e na aprendizagem de línguas. De acordo com a autora,

o tratamento explícito da tecnologia como objeto de investigação convida a examinar as práticas relacionadas à tecnologia associadas ao uso da linguagem, mas também oferece a oportunidade de se posicionar em relação à tecnologia na sociedade em geral e especificamente no ensino de idiomas. (CHAPELLE, 2003, p. 2)

Para Chapelle (2003), as perspectivas dos linguistas aplicados, frente às TD, são intrigantes. Segundo a autora, os professores diferem das suas abordagens e opiniões em relação ao desenvolvimento e disseminação das tecnologias digitais no ensino e na aprendizagem de línguas. Para Chapelle (2003), é preciso promover uma visão equilibrada, oferecendo aos professores múltiplas perspectivas, a fim de auxiliá-los a navegar neste ambiente complexo.

As mudanças ocasionadas pelas tecnologias no ensino e aprendizagem de línguas desencadearam vários processos, como a ampliação das possibilidades de ensino de LE e, o aumento da complexidade da utilização delas neste processo (KERN; WARSCHAUER, 2000). Chun, Kern e Smith (2016) afirmam que os professores de LE estão com discursos cada vez mais contraditórios em relação à tomada de decisão sobre como usar as tecnologias em sala de aula. Os autores asseveram que os educadores estão cada vez mais sob pressão para usar a tecnologia a fim de preparar os alunos para viver em um mundo tecnologicamente globalizado e interconectado” (CHUN; KERN; SMITH, 2016, p. 64-65).

Chun, Kern e Smith (2016) ponderam que é preciso que os professores prestem atenção à tecnologia, não porque seja um benefício ou uma ameaça, mas porque a tecnologia afeta inevitavelmente o uso da linguagem. Ela é capaz de moldar a maneira como as pessoas utilizam a linguagem em determinados contextos. Como professores de línguas estrangeiras, a nossa tarefa é auxiliar os alunos na construção da aprendizagem linguística e cultural socialmente situadas “abordando como o idioma é estabelecido em diferentes materiais e tecnologias” (CHUN; KERN; SMITH, 2016, p. 65).

Nós, professores, precisamos problematizar o uso das tecnologias no ensino e na aprendizagem de línguas, tendo um olhar mais crítico. Não é simplesmente utilizar aplicativos, sites, games, entre outros recursos, para tornar a aula mais dinâmica e atrativa, mas problematizar a concepção que temos sobre a utilização da tecnologia (EL KADRÍ; ROCHA 2017), e o que ela vai impactar ou não nas nossas práticas e na aprendizagem dos nossos alunos.

Sobre a educação e a tecnologia, Selwyn (2017, p.17, grifos do autor) discorre que

[...] as perguntas predominantes que tendem a ser feitas sobre educação e tecnologia são aquelas relacionadas a “o que funciona” ou “o que pode funcionar”. Contudo, conceituar educação e tecnologia dessa forma limitada, claramente não é suficiente. Compreender a tecnologia na educação não se reduz, simplesmente, ao trabalho com base em questões de “eficácia” ou de

“melhores práticas”. De fato, precisamos desafiar visões dominantes nessa área, ao menos para termos mais informações sobre quais são os reais benefícios que a tecnologia pode proporcionar (e também os que não pode).

Ter uma visão crítica em relação à utilização das tecnologias digitais no ensino e na aprendizagem de línguas, não é invalidar as práticas pedagógicas que já foram elaboradas até hoje. Essa criticidade nos permite questionar sobre “como as tecnologias estão atualmente sendo usadas na prática educativa e/ou quais discursos estão sendo postos em circulação nos espaços em que essas tecnologias se fazem presentes” (EL KADRÍ; ROCHA, 2017, p. 55). A esse respeito, Selwyn (2017, p. 20) discorre que:

é importante destacar que um dos objetivos propulsores de uma abordagem crítica é o desejo de fazer a diferença. Para ser mais específico, o objetivo da vertente crítica deveria se tornar a educação e a tecnologia “melhor” do que são hoje. Adotar uma perspectiva crítica em relação à educação e à tecnologia é um exercício construtivo, e não destrutivo.

A partir desse excerto, é possível inferir que a criticidade não é invalidar o que foi feito até o presente momento, como dito anteriormente. Ter um pensamento crítico quanto ao uso das tecnologias digitais é refletir e buscar meios para promover uma educação tecnológica cada vez mais coerente com a realidade dos aprendizes. Para isso, é preciso que haja uma contextualização do uso das tecnologias digitais, que deve ser “guiado pelos benefícios que determinado recurso poderá promover em termos de produção variada de língua em suas contextualizações na vida diária” (FERRAZ, 2016, p. 508).

Coscarelli (2011, p. 11) advoga que “os bons resultados da nova tecnologia dependem do uso que se faz dela”, reforçando ainda que “o fato de usar a informática nas aulas não transforma instantaneamente o ensino em uma prática “moderna” e “eficiente” (COSCARRELLI, 2005, p. 26). Em consonância com essa visão, Garofalo (2016, p. 129-130) discorre que “é necessário salientar que o uso das novas tecnologias não fará “milagres” em sala de aula, nem equivale a um ensino atual”.

Novas tecnologias estão aparecendo diariamente, e novas convenções de linguagem vão surgindo no “mundo virtual”. Nossos alunos precisam estar cientes dessas negociações e como, à medida que passam de um contexto cultural para outro, as “regras” podem mudar significativamente. Refletir mais sobre as TD que iremos incluir nas nossas aulas de LE e, analisar as virtualidades, ou seja, as potencialidades e limitações de determinado recurso é

fundamental, para que haja um ensino e um aprendizado cada vez mais significativo tanto para nós professores quanto para os nossos alunos.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Pesquisa significa, de acordo com Dörnyei (2007), uma tentativa de encontrar respostas para perguntas, uma atividade que todos nós fazemos o tempo todo para saber mais sobre o mundo à nossa volta”. Para Nunan (1992, p. 3), “pesquisa é um processo de investigação sistemática, consistindo em três elementos ou componentes: (1) uma pergunta, problema, ou hipótese, (2) dados, (3) análise e interpretação dos dados”. A pesquisa em questão é de natureza básica, que tem como objetivo “aumentar o conhecimento científico, sem necessariamente aplicá-lo à resolução de problema” (PAIVA, 2019, p. 11). Quanto à abordagem, esta pesquisa inclui-se na qualitativa, que segundo Flick (2007), acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas. Trata-se de uma pesquisa cujo objetivo “pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno” (GONSALVES, 2003, p. 66).

A respeito dos métodos e procedimentos, adotamos a pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo mostrar o que já existe sobre o objeto investigado. Macedo (1994, p. 13) advoga que a “revisão bibliográfica ou revisão de literatura consiste numa espécie de varredura do que existe sobre o assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto”.

Dessa forma, essa pesquisa focou em identificar metodologias e métodos utilizados no ensino de línguas na educação básica em escolas públicas e privadas no contexto remoto no Brasil. Foi feito, entre os dias 3 de junho e 10 junho, uma pesquisa em periódicos nacionais para identificar quais foram as metodologias e métodos, bem como as dificuldades enfrentadas no ensino remoto durante os anos de 2020 a 2022. Para essa pesquisa, buscamos no site de Periódicos da CAPES as seguintes palavras-chave: metodologias de ensino de línguas durante a pandemia; ensino de línguas no ensino remoto, e práticas de ensino de línguas na pandemia.

Quadro 1: Palavras-chave e quantidade de artigos pesquisados

Palavras-chave	Quantidade de artigos
Metodologias de ensino de línguas durante a pandemia.	91
Ensino de línguas no ensino remoto.	206
Práticas de ensino de línguas na pandemia.	240
Total	537

Fonte: elaboração própria.

No quadro acima pode-se observar as palavras-chave utilizadas na pesquisa. Além disso, os demais critérios para selecionar os artigos foram: ensino de língua no período pandêmico, metodologias e métodos de ensino dentro do ensino remoto, escolas de educação básica, públicas e privadas, os artigos que não estavam dentro destes critérios foram excluídos.

Os resultados foram variando com cada pesquisa, no entanto, observamos que muitos artigos apareciam repetidamente quando buscávamos por palavras-chave distintas. Dentre os 537 artigos, 331 falavam sobre o ensino de línguas no contexto pandêmico. Foi necessário realizar uma curadoria dentro dos artigos selecionados para fazer o levantamento das metodologias e dos métodos descritos. A partir dessa curadoria chegamos ao total de 33 artigos, não obstante, uma pequena porcentagem destes artigos faz referência à formação de professores de línguas; narrativas de professores de línguas; ensino de línguas em outros países durante a pandemia; relatos de experiência dentro do ensino superior e revisões de literatura a respeito do ensino de línguas e tecnologias da informação no contexto pandêmico. No quadro a seguir é possível está exposto os artigos que se enquadram nos critérios pré-estabelecidos na metodologia deste estudo.

Observa-se que, apenas dois artigos foram publicados no ano de 2022, os demais em 2021. Nota-se, também, que todos os artigos fazem alguma referência ao ensino de línguas mediado por tecnologias. Há apenas dois artigos que tange a respeito do ensino de língua espanhola, os demais, fazem referência ao inglês. Vale ressaltar que esse estudo buscou abranger o ensino de línguas para todas as línguas estrangeiras e não somente a língua inglesa, como podemos observar no quadro 2.

Quadro 2: Artigos que contém os critérios de seleção

	Artigo	Ano	Revista
01	A ressignificação do ensino de línguas a partir do uso intensivo das TDIC em tempos de pandemia.	2021	Devir Educação.
02	O ensino de línguas por uma abordagem complexa em tempos de pandemia: quebrando paradigmas.	2021	Revista de Letras.
03	O ensino de língua inglesa na educação básica em tempos de pandemia: um relato de experiência em um programa bilíngue em implantação.	2021	Revista Signo.
04	Ensino remoto na pandemia: interdisciplinaridade, (re) conexões e (re)significações. (texto indisponível)	2021	Revista Ensino Interdisciplinar.
05	O impacto da pandemia no ensino de língua inglesa na educação inclusiva.	2021	(texto indisponível)
06	Projetos Digitais de Inglês na Educação Básica: reflexões, possibilidades e ações em tempos de pandemia.	2021	Revista Signo.
07	Dinamizando o ensino de inglês em tempos de pandemia: experiências de ensino através do Instagram de um projeto de extensão.	2021	Revista de Letras.
08	Perspectivas de professoras de inglês para crianças: (re)planejar, (re)pensar e (trans)formar durante a pandemia (Covid-19).	2021	Revista Signo.
09	Impactos da pandemia covid-19 nas aulas de inglês.	2021	Revista Ilha do Desterro.
10	Quizizz nas aulas de inglês como L2: uma breve análise.	2022	Revista Ilha do Desterro.
11	Utilização das tecnologias digitais no ensino do espanhol: uma revisão integrativa.	2021	Revista Principia
12	A adaptação de práticas de oralidade em língua inglesa como L2 de modo presencial para remoto.	2021	Revista Ilha do Desterro.
13	Sequência didática avaliativa para o ensino de línguas estrangeiras em contexto híbrido: diálogos e possibilidades.	2022	Revista Horizontes.
14	A mediação no Teletandem durante a pandemia da COVID-19.	2021	Revista Horizontes.
15	Inglês como língua franca (ILF) e translanguagem no ensino remoto emergencial.	2021	Revista Horizontes.

Fonte: elaboração própria.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Na seção anterior delimitamos a nossa metodologia de pesquisa e apresentamos parte dos dados coletados, os nomes dos artigos, o ano e a revista onde o artigo foi publicado. Observamos que boa parte dos artigos eram narrativas de professores, trabalhos desenvolvidos em grupos de pesquisa, artigos voltados para produção de literatura, práxis no

ensino superior com alunos da graduação, entre outros. Notamos, também, que muitas pesquisas se repetiam quando buscávamos por palavras-chave diferentes. Na coleta dos dados tivemos uma atenção redobrada para observar quais trabalhos eram repetidos. Para que isso fosse possível utilizamos o *Google Drive* para anotar as informações de cada artigo, tais como: objetivos, metodologia de pesquisa, ferramentas utilizadas, pressupostos teóricos, ano de publicação, revista de publicação e referência bibliográfica.

Nesta seção apresentaremos a discussão e a análise dos dados coletados e responderemos as perguntas levantadas na introdução desta pesquisa. A primeira subseção responderá à pergunta: *Quais foram os recursos adotados pelos docentes para promover a aprendizagem de línguas no contexto pandêmico?* Na segunda seção: *Quais são os impactos decorrentes dessa mudança no modelo de ensino?*

3.1 Quais foram os recursos adotados pelos docentes para promover a aprendizagem de línguas no contexto pandêmico?

De modo geral, todos os artigos trazem uma discussão sobre a utilização das tecnologias digitais no ensino de línguas. Sabe-se que esta é uma discussão muito antiga, visto que as tecnologias fazem parte do ensino de línguas desde a década de 60, com a utilização do rádio. O ensino de línguas, em especial da língua inglesa, é um grande precursor no que diz respeito ao uso das TD. Contudo, constatamos que poucos artigos se destinaram à discussão da utilização das TD de uma forma crítica. Isso pode ter se dado devido ao pouco conhecimento que os professores possuem acerca das tecnologias no ensino de línguas, tais como a utilização das plataformas de ensino, como utilizar as ferramentas em sala de aula no ambiente remoto, dentre outras. Pode-se notar, que em boa parte dos artigos os professores ressaltaram as dificuldades de lidar com os recursos tecnológicos, muitas vezes por não saber e outras por falta de recursos da própria instituição ou pelas condições dos alunos. Vale ressaltar, como foi dito na introdução deste estudo, que uma porcentagem dos alunos de escolas públicas ficou sem acesso às aulas remotas devido às complicações com a tecnologia. Antes de entrarmos na discussão dos artigos, esclarecemos que o nosso posicionamento teórico a respeito das palavras método e metodologia, que muitas vezes são empregadas de forma equivocada. Entendemos aqui como método “todo sistema de prescrições elaboradas

para o professor, de cima para baixo, quer partindo do paradigma científico de uma determinada época (KUHN, 2005) ou da legislação vigente, incluindo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) (BRASIL, 2006)” (LEFFA, 2012, p. 2). Dessa forma, o método será o conjunto de ações feitas para chegar a um objetivo específico. A metodologia é, por sua vez, um estudo das práticas pedagógicas. Em outras palavras, dentro de uma determinada metodologia existem vários métodos para alcançar a proficiência em uma língua estrangeira, por exemplo. De acordo com Leffa (2012, p. 393), o método

[...] na sua essência, é um roteiro que se propõe para chegar a um objetivo. Na sua forma mais tradicional, pode ser resumido pelo uso da sigla SOPA (LEFFA, 2008a), assim constituída: (1) Seleção dos itens linguísticos a serem trabalhados pelo professor; (2) Ordenação dos itens, de acordo com algum critério pré-estabelecido (relevância, facilidade, etc.); (3) Prática dos itens selecionados para que sejam fixados pelos alunos; e (4) Avaliação da aprendizagem realizada pelos alunos.

A partir disso, no quadro 3 é possível observar quais foram os métodos, metodologias e ferramentas utilizadas pelos autores na construção da práxis no ensino de línguas de forma remota.

O ensino emergencial remoto fez com que todas as práticas pedagógicas necessitassem de alguma interação ou mediação das TD. No entanto, as tecnologias digitais não foram uma “invenção” que só apareceu com o advento da COVID-19. Se buscarmos na história o ensino de línguas, e, em especial o ensino de língua inglesa, poderemos constatar que a utilização das tecnologias foi impulsionada desde a década de 60. Em contrapartida, boa parte dos artigos apresentam as ferramentas como se fossem algo inovador e como se estivessem disponíveis somente e por causa da crise sanitária mundial, mas sabemos que essa não é uma realidade. Além disso, como foi discutido no quadro teórico desta pesquisa, Coscarelli (2011) e Garofalo (2016) advogam que as novas tecnologias não farão milagres na sala de aula e tampouco equivalem a um ensino atual. E de fato não fizeram, as problemáticas que envolvem o uso das TD, as análises e relatos de experiências comprovam que uma parcela de professores não estavam familiarizados com essas ferramentas, e que foi necessário cursos de capacitação para que os professores começassem a utilizar determinadas ferramentas.

Quadro 3: Métodos, metodologias e ferramentas de ensino de línguas no ensino remoto

	Artigos	Métodos e Metodologias	Ferramentas
01	A ressignificação do ensino de línguas a partir do uso intensivo das TDIC em tempos de pandemia.	Estudo sobre a integração das TDIC no ensino remoto.	Não fornece informações sobre.
02	O ensino de línguas por uma abordagem complexa em tempos de pandemia: quebrando paradigmas.	Relatos de experiência; Abordagem complexa e crítica.	Recursos semióticos: músicas, pinturas, poesia, textos literários e de blogs, etc.
03	O ensino de língua inglesa na educação básica em tempos de pandemia: um relato de experiência em um programa bilíngue em implantação.	Implantação do programa bilíngue remoto.	Canal no <i>Youtube</i> , <i>Google for Education</i> , <i>Jamboard</i> , <i>Nearpod</i> , <i>Edpuzzle</i> , <i>Kahoot e Quizzes</i>
04	Ensino remoto na pandemia: interdisciplinaridade, (re) conexões e (re)significações. (texto indisponível)	Experiência interdisciplinar; Formação crítica do estudante.	Não fornece informações sobre.
05	O impacto da pandemia no ensino de língua inglesa na educação inclusiva.	Levantamento de dados a respeito do ensino de línguas para alunos com espectro autista.	Não fornece informações sobre.
06	Projetos Digitais de Inglês na Educação Básica: reflexões, possibilidades e ações em tempos de pandemia.	Projeto digital com base no <i>design</i> instrucional contextualizado (Fillatro, 2004; Reigeluth, 1999); <i>Project Based Learning</i> . Letramento digital.	Salas virtuais.
07	Dinamizando o ensino de inglês em tempos de pandemia: experiências de ensino através do Instagram de um projeto de extensão.	Projeto <i>English in quarantine</i> ; TDIC; Reflexões linguísticas interculturais; Decolonização.	Redes sociais: <i>Instagram</i> (<i>stories</i> , <i>feed e live</i>). <i>Whatsapp</i> , <i>Google Meet</i> .

Fonte: elaboração própria.

Outro fator importante na utilização dessas ferramentas foi a monopolização da *Google for Education* aqui no Brasil. Mais da metade das pesquisas utilizaram o pacote disponibilizado pela *Google*, isso é possível observar no Quadro 3 com os artigos 03, 06, 07, 08, 09 e 12. Observamos que todos os artigos que envolvem práxis e análises de práxis fazem referência a utilização de ferramentas tecnológicas. Como é possível constatar no Quadro 4 a seguir, as ferramentas utilizadas.

Quadro 4: Ferramentas tecnológicas utilizadas no ensino de línguas remoto

Ferramentas Tecnológicas	
<i>Youtube</i>	<i>Zoom</i>
<i>Google for Education</i>	<i>Podcast</i>
<i>Instagram</i>	<i>Drive</i>
<i>Jamboard</i>	<i>Nearpod</i>
<i>Quizzes</i>	<i>Edpuzzle</i>
<i>Whatsapp</i>	<i>Kahoot</i>
<i>Mentimeter.</i>	<i>Google Maps</i>
<i>Hotmail</i>	<i>Lyrics training</i>
<i>Cyber da escola</i>	

Fonte: elaboração própria.

Retomando aqui os apontamentos de Coscarelli (2005; 2011) e Garofalo (2016), discutidos no quadro teórico, reforçamos que a utilização de ferramentas tecnológicas não corresponde a uma prática mais moderna ou mais eficiente, ou seja, o professor pode usar ferramentas como o *Zoom* ou *Google Meet*⁵ para dar aulas tão tradicionais quanto as aulas presenciais, não oferecendo nenhum tipo de interação entre os alunos, reforçando a ideia behaviorista de ensino, onde o aluno é um mero receptor de conhecimento. Em muitos relatos descritos nos artigos, constatamos que boa parte dos alunos não interagem durante as aulas via *Google Meet* e *Zoom*, muitos não ligavam a câmera e não falavam uma palavra desde o início ao término da aula.

3.2 Quais são os impactos decorrentes dessa mudança no modelo de ensino?

Há uma mudança nos métodos e metodologias no ensino de línguas durante o período do ensino remoto, os modelos tradicionais já não eram suficientes para atender a demanda. Durante a pandemia, as instituições se viram obrigadas a adotarem as ferramentas digitais para promover o ensino. A utilização das TD não foi uma questão de gosto ou opinião,

⁵ O *Google Meet* é uma ferramenta do *Google for Education*. Com ela é possível fazer chamadas de vídeo de longa duração.

observamos nas leituras dos artigos, que o uso foi obrigatório, não havia outra forma de viabilizar as aulas.

Os desafios enfrentados foram vários, muitos professores relatam que a adaptação do ensino remoto foi tão difícil tanto para os professores, com os recursos tecnológicos, quanto para os alunos. Alguns professores enfatizam que a adaptação ao modelo foi necessária e, ainda ressalta que há uma falta de preparo docente e estudantil. Como podemos observar nos excertos abaixo:

Os resultados a que chegamos nessa pesquisa evidenciam que uma adaptação se fez necessária para os novos formatos de ensino proporcionados pela pandemia, também falta preparo tanto dos professores como dos estudantes para integrar com eficiência as TDIC ao contexto educacional e conseqüentemente é considerável o impacto da utilização de novas tecnologias no ensino de línguas no cenário atual da educação. (Artigo 01-Quadro 2)

Os desafios vivenciados tanto pelas professoras quanto pelas famílias mostraram que o uso das tecnologias digitais na educação básica é um caminho sem volta e que é preciso formação e adaptações constantes sempre com foco no aluno como centro do processo de aprendizagem. (Artigo 03-Quadro 2)

[...] consideramos que o uso de novas tecnologias de informação e comunicação nas aulas de língua inglesa requer mais preparo dos professores das diferentes escolas investigadas, contribuindo diretamente para o melhoramento das aulas. (Artigo 09- Quadro 2)

O Artigo 02 (Quadro 2) nos trouxe um cenário positivo no que se diz respeito à teoria da complexidade, como podemos ver a seguir:

[...] é possível trabalhar a linguagem de forma efetiva dentro de uma perspectiva da complexidade, pois carrega os benefícios de um ensino multidimensional, não-linear, não-reducionista e transdisciplinar, o qual intenta incentivar a capacidade crítica do aluno, ao passo que trabalha fatores históricos, sociais, políticos, culturais e psicoemocionais, ensejando uma formação voltada para o sujeito integral, com atividades adequadas ao seu contexto e realidade atuais. (Artigo 02- Quadro 2)

Ainda sobre o Artigo 02, os autores escolheram materiais que incentivavam o pensamento crítico dos alunos, o que vai ao encontro da perspectiva crítica de uso das TD no ensino de línguas. Além disso, eles apontaram que os alunos tiveram uma certa resistência na

mudança da metodologia e dos métodos de ensino. Os autores ressaltam que os alunos estavam enraizados nos processos tradicionais de ensino-aprendizagem.

Como obstáculos, presenciamos uma certa resistência de alguns alunos ao paradigma complexo de ensino- aprendizagem. O paradigma proposto estava embutido em um ensino que se apresentou de maneira não-fragmentada em disciplinas, e que, por ter um espectro maior de alcance e amplitude na abordagem dos temas propostos nas atividades requeria um posicionamento mais questionador e reflexivo por parte do aluno. Uma parcela desses alunos ainda demonstrou certo apego a uma visão mais cartesiana de se conceber o conhecimento, estando ainda enraizados aos processos tradicionais de ensino-aprendizagem. (Artigo 02- Quadro 2)

As tecnologias podem proporcionar muitas mudanças no ensino, como podemos ver nos excertos dos Artigos 06, 07 e 09:

[...] desenvolvimento de letramento digital, autonomia, aprofundamento do conhecimento multidisciplinar e de habilidades que os estudantes precisam usar e aplicar e serem também capazes de transferir para outros contextos no futuro. (Artigo 06 - Quadro 2)

[...] constataram-se as potencialidades de uso do Instagram para o ensino de inglês promovendo a interação na língua-alvo com os seguidores-participantes, além de evidências de construção de uma comunidade de aprendizagem colaborativa utilizando-se essa plataforma. (Artigo 07- Quadro 2)

[...] os professores afirmam que esse novo formato poderá avançar na promoção do letramento digital, contudo as aulas presenciais devem ser mantidas. (Artigo 09- Quadro 2)

Observamos que os impactos advindos da mudança do contexto educacional foram positivos em alguns aspectos, tais como a inclusão e reflexão da utilização das TD no ensino de línguas; a preocupação com a capacitação dos professores; a desmistificação e flexibilização dos processos metodológicos e metódicos de ensino, entre outros.

CONCLUSÃO

Considerando as mudanças no contexto educacional ocasionadas pela pandemia da Covid-19, este artigo apresentou tanto uma análise de corpus de pesquisas empíricas publicadas em periódicos brasileiros de estratos A e B da Linguística Aplicada (LA) -que

propuseram metodologias de ensino de línguas dentro do contexto pandêmico-, quanto os desafios enfrentados pelos professores de línguas, ambos durante o período de 2020 e 2022.

A análise do *corpus* possibilitou relacionar métodos, metodologias e ferramentas utilizadas em tempos pandêmicos, assim como a compreensão de que o ensino emergencial remoto fez com que todas as práticas pedagógicas necessitassem de alguma interação ou mediação das TD. No entanto, a tecnologia digital não foi uma “invenção” que só apareceu com o advento da COVID-19. Se buscarmos na história o ensino de línguas, e, em especial o ensino de língua inglesa, poderemos constatar que a utilização da tecnologia foi impulsionada desde a década de 60. Em contrapartida, boa parte dos artigos apresentam as ferramentas como se fossem algo inovador e como se estivessem disponíveis somente e por causa da crise sanitária mundial, mas sabemos que essa não é uma realidade.

Quanto aos desafios enfrentados pelos professores de línguas, Coscarelli (2011) e Garofalo (2016) advogam que as novas tecnologias não farão milagres na sala de aula e tampouco equivalem a um ensino atual. E de fato, não fizeram, as problemáticas que envolvem o uso das TD, as análises e relatos de experiências comprovam que uma parcela de professores não estava familiarizada com essas ferramentas, e que foi necessário cursos de capacitação para que os professores começassem a utilizar determinadas ferramentas. O ensino remoto apontou adversidades e limitações tecnológicas, apesar das suas potencialidades. Acreditamos que os obstáculos que enfrentamos durante o ensino remoto nos fez mais fortes e preparados para o uso das tecnologias no ensino e, também para enxergarmos a nossa práxis pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ABRINQ, F. **Entenda como a pandemia impactou a Educação no Brasil**. 2021. Disponível em:
<https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>
Acesso em 24 de maio de 2022.
- ARAÚJO, N; SOUSA, K. F. Quizizz nas aulas de inglês como L2: Uma breve análise. **Ilha Desterro**. v.74, n.3. Florianópolis, Set./Dez. 2021.
- BATISTA, E. G., SAITO, L. M., MORAES, I. T., FRANCO, G. R., & FERNANDES, G.M. Sequência didática avaliativa para o ensino de línguas estrangeiras em contexto híbrido: diálogos e possibilidades. **Revista Horizontes De Linguística Aplicada**, v. 21, n.1, 2022.
- BARTON, D. LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL. Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 fev. 2020.
- BRASIL. INEP. **Resultados do questionário: resposta educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil**. 2022. Disponível em:
https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em 24 de maio de 2022.
- CAMPOS, B. DA S., KAMI, C. M. DA C., & SALOMÃO, A. C. B. A mediação no Teletandem durante a pandemia da COVID-19. **Revista Horizontes De Linguística Aplicada**, v. 20, n.1, 2021.
- CHUN, D. KERN, R. SMITH, B. Technology in Language Use, Language Teaching, and Language Learning. *The Modern Language Journal*. 2016.
- COSTA DO ROSÁRIO, J. M.; FAJARDO TURBIN, A. E. A resignificação do ensino de línguas a partir do uso intensivo das TDIC em tempos de pandemia. **Devir Educação**, p. 29–52, 2021.
- CRUZ, S. L. DA, LIMA, D. C. DE, & SANTANA, C. DE S. O ensino de línguas por uma abordagem complexa em tempos de pandemia: quebrando paradigmas. **Fólio - Revista De Letras**, v. 12, n. 2, 2021.
- DENARDI, D; MARCOS, R; STANKOSKI, C. Impactos da pandemia COVID-19 nas aulas de inglês. *Revista Ilha do Desterro*, v. 74, n. 3, p. 113-143, Florianópolis, 2021.
- DÖRNYEI, Z. **Research methods in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- EL KADRI, M. S; ROCHA, C. H. Dimensões ideológicas nos discursos sobre tecnologias educacionais de professores em formação. In: **Diálogos sobre tecnologia educacional:**

Educação linguística, mobilidade e práticas translingues. ROCHA, C; EL KADRI, M E WINDLE, J. Campinas, SP: Ponte Editores, 2017.

EUROPE. **World Health Organization: Regional office for Europe.** Disponível em encurtador.com.br/wDEFV. Acesso em 23 de maio de 2022.

FLICK, U. **Designing qualitative research.** Los Angeles: Sage, 2007.

GONSALVES, E. **Iniciação à pesquisa científica.** 3 ed. Campinas: Alínea, 2003.

GONZALEZ, N. W; SCHALATTER, M. Aprendizagem de Português como Língua Adicional em um projeto colaborativo online. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 2, 2016.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Papyrus, 2012.

KERN, R. ; WARSCHAUER, M. Theory and practice of network-based language teaching. In.: KERN, R.; WARSCHAUER, M. **Networks-based language teaching: Concepts and practice.** New York: Cambridge University Press, 2000. p. 1- 19

LIMA, J. H. G. DE, ROSSO, G. P. P., & PASINI, L. G. R. Inglês como língua franca (ILF) e translinguagem no ensino remoto emergencial. **Revista Horizontes De Linguística Aplicada**, v. 20, n. 1, 2021.

LEFFA, V. J. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.20, n.2, 2012.

MACEDO, N. **Iniciação à pesquisa bibliográfica.** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARTINS, S. T. DE A. Dinamizando o ensino de inglês em tempos de pandemia: experiências de ensino através do Instagram de um projeto de extensão. **Fólio - Revista De Letras**, v. 12, n. 2, 2021.

NUNAN, D. **Research methods in language learning.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PAIVA, V. M. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** Parábola Editorial, São Paulo, 2019.

SEGATY, K.; BAILER, C. O ensino de língua inglesa na educação básica em tempos de pandemia: um relato de experiência em um programa bilíngue em implantação. **Signo**, v. 46, n. 85, p. 262-271, 2021.

SELWYN, N. Um panorama dos estudos críticos em educação e tecnologias digitais. In.: ROCHA, C; EL KADRI, M E WINDLE, J. **Diálogos sobre tecnologia educacional: Educação linguística, mobilidade e práticas translingues.** Campinas, SP: Ponte Editores, 2017.

SILVEIRA, G. E. L. DA, RIBEIRO, A. DA S. M., PEDROSA, A. B. R., VILLELA, M. DE M.; RUIZ, S. M. DE J. Projetos Digitais de Inglês na Educação Básica: reflexões, possibilidades e ações em tempos de pandemia. **Signo**, v. 46, n. 85, p. 134-144, 2021.

TONELLI, J. R. A; FURLAN, C. J. K. Perspectivas de professoras de inglês para crianças: (re)planejar, (re)pensar e (trans) formar durante a pandemia (Covid-19). **Santa Cruz do Sul**, v. 46, n. 85, p. 83-96, jan./abr. 2021.

TORQUATO, S. G; SOUZA, J. C.; PEREIRA, M. das G. de O. P.; FRANQUET, L. H. Utilização das tecnologias digitais no ensino do espanhol: uma revisão integrativa. **Revista Principia: Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**. n. 58. João Pessoa, 2021.

VALENTE, J. A.; FREIRE, F.P; ARANTES, F. L. **Tecnologia e educação [recurso eletrônico]: passado, presente e o que está por vir**. Campinas: NIED/UNICAMP, 2018.

Disponível em:

www.nied.unicamp.br/biblioteca/tecnologia-e-educacao-passado-presente-e-o-que-esta-por-vir/ Acesso em 05 de janeiro de 2019.
